

## Quando o Outro é mau<sup>1</sup>

Jacques-Alain Miller

O título, *Quando o Outro é mau...*, faz eco aos termos mais sólidos, mais sensíveis e mais úteis da psiquiatria - a paranoia, a perseguição -, recorrendo a uma expressão que pertence à língua comum, ou quase, uma vez que o *Outro mau* se entende com um O maiúsculo, selo lacanianiano dessa expressão familiar. Por outra parte, tive oportunidade de me dar conta de que, desde seu anúncio, o título estava em via de ser lexicalizado entre nós. Utilizado como uma categoria nos relatos dos casos, a expressão já começa a entrar em circulação mesmo que até agora não seja mais do que um simples ponto de ancoragem, cujo conteúdo resta a definir. Essa utilização anda mais rápido que nós. Ao escolher esse título, fizemos vibrar uma corda, isso se reconhece, se encontra e permite reagrupar certo número de fenômenos. Esse título foi uma isca, já que perguntamos a seis colegas se poderiam pescar, em sua prática, casos que, por algum aspecto, lhes pareciam levar a marca do Outro mau.

Não anunciamos esse título como um tema para, depois, buscar no Campo freudiano os casos que melhor responderiam a ele, como nos contos árabes ou nas canções francesas, nos quais se procura a princesa por meio de várias tentativas ou lugares percorridos. Escolhemos seis Outros amáveis entre os coordenadores das Seções Clínicas e lhes perguntamos se poderiam apresentar um texto que tivesse relação com o Outro mau. Nenhum desses seis casos pretende, *a priori*, ser o paradigma do Outro mau.

## **Figuras do Outro mau**

Aliás, por vezes, a pesca trouxe uma baleia, como no caso de Mario Zerghem, em que o sujeito deve buscar constantemente as estratégias para se virar com a maldade dos outros. No texto de Philippe De Georges trata-se, antes, de uma nota marginal que associa seu caso ao significante do Outro mau, mas que, por ser marginal, tem também grande importância. Em um momento, a paciente diz: "no fundo, o outro será sempre uma ameaça", mostrando assim que a sombra do Outro mau ronda permanentemente.

Dizemos "Outro mau", mesmo que nem sempre esteja encarnado. Poderíamos ter dito: "sentimento de hostilidade ambiental", mas teria sido menos eloquente. A hostilidade não é a agressividade. A agressividade implica, sem dúvida, a ideia de que está aberta, ao passo que a hostilidade pode ser subterrânea e, portanto, afim com a noção de ameaça, de ameaça como não dita, suscetível de ser decifrada nas entrelinhas. Se continuo nessa linha de reflexão, a título de uma pequena introdução, ela me evoca Carl Schmitt, este jurista e filósofo criticado com justa razão, porém com frequência muito pertinente, que considera que o campo político tem por fundamento a distinção amigo/inimigo<sup>2</sup>. Mesmo não podendo dizer que se trate aqui do fundamento da dimensão clínica como tal, estamos, de certa forma, nesse setor da dimensão clínica onde está presente e é fundamental algo assim como uma distinção amigo/inimigo. A inimizade é ali tangível, a cada passo. Trata-se, a um só tempo, de um Outro que quer meu mal e de um Outro que goza do mal que faz. Não em todos os casos.

Para dar a nosso trabalho de hoje a possibilidade de ter alcance, farei um breve comentário acerca do que distingue essa série de casos dos que os precederam. Evidentemente, a jornada de hoje, Jornada anual das Seções Clínicas, é como uma missa-cantada solene. Não levemos muito longe essa analogia, porém é uma missa-cantada

clínica, ou um concílio anual no qual discutimos noções, cotejamos nossas concepções umas com as outras, sem concluir mediante um decreto que indique qual é o bom uso das questões, mas de acordo com uma elaboração progressiva. Hoje, porém, somos setecentos. Estão presentes quase todos os membros do CERCLE<sup>3</sup>, aos quais se somam em torno de duzentas pessoas suplementares, já que essa jornada era aberta. Essa assistência nos obriga, geralmente, a apresentar casos muito consistentes, mas tive a impressão de que, nessa série, eles estavam especialmente "amarrados" (*bouclés*), segundo a expressão de Jean-Pierre Deffieux, que compartilha com outros a minha impressão. Os casos têm uma grande consistência fenomênica e são, sem dúvida, pouco equívocos. São verdadeiramente textos de referência, a tal ponto que nos perguntamos de que maneira tratá-los. Na medida em que se apresentam um pouco em blocos, conseguiremos dinamitá-los? Podemos fissurá-los? Seria preciso acumular outros exemplos que pululam no mesmo sentido? Descobriremos pouco a pouco.

### **A maldade da cadeia significante**

Convém fazer isso sobre um fundo clínico fundamental: o da grande nobreza da paranoia. A paranoia é nobre, se me permitem dizê-lo, em comparação com a esquizofrenia. Não esqueçamos que Lacan, antes de designar a histeria como o estado fundamental do sujeito - o  $\$$  de todo sujeito da linguagem, ou seja, o mesmo significante que Lacan reserva para o sujeito da histeria -, já havia dito que a paranoia é o estado nativo do sujeito<sup>4</sup>. Dizer que a paranoia é primeira, é fazer da psicose, e da psicose paranoica em particular, o estado original do sujeito. As duas coisas são compatíveis, desde o momento em que se enuncia que a histeria designa o sujeito fundamental na neurose, e a paranoia, o sujeito fundamental na psicose. Isso, porém, vai além.

Digamos que a maldade é uma significação fundamental que, como tal, está ligada à cadeia significante. Pelo único fato de que um significante se encadeia com outro, há um efeito de significação e, se há um, pode haver outros. Dito de outro modo, há subentendidos; trata-se de uma propriedade geral da cadeia significante. Sempre se pode interpretar de outra maneira e, por isso mesmo, há subentendidos. Então, por que subentendemos em vez de fazer entender? Por que devemos decifrar o que se diz às escondidas? Tudo leva a supor que não podemos dizê-lo de cara porque é maldoso. Portanto, a significação de maldade está associada ao simples fato de que o significante suplementar faz variar a verdade de um enunciado. Do mesmo modo que, no contexto analítico, temos a significação do sujeito suposto saber, o simples fato da existência do significante tem, para o sujeito, [a significação de] uma maldade dirigida a ele. De certa maneira, Lacan indica isso no texto *Posição do inconsciente*: "não há que fascinar-se com o sujeito falante. O mais importante é que mesmo antes de falar, *isso* fala dele"<sup>5</sup>. Pelo fato de seus progenitores falarem dele, todo um discurso precede sua chegada ao mundo. Conversa-se sobre ele. E, muito provavelmente, isso é o que constitui um Outro mau, um Outro que não tem só boas intenções. Isso define o estatuto primeiro do Outro. Dessa perspectiva, podemos supor a qualquer Outro um gozo malvado, uma vez que o gozo de um outro sempre nos é desconhecido, salvo se somos seu analista, e ainda assim... Portanto, esse gozo é muito provavelmente malvado mais do que bom. Além disso, o título *O Outro amável* não teria suscitado em absoluto o mesmo interesse.

Temos aqui uma pergunta que pode juntar-se, com todo direito, às duas grandes perguntas indicadas por Lacan na clínica. Primeiramente: "Que queres de mim?", o *Che vuoi* ? Em segundo lugar: "Pode ele me perder?"<sup>6</sup>, pergunta que, segundo Lacan, surge em algum giro ou momento da análise.

Em terceiro lugar: "De quê ele goza?", que me parece vinculada ao horizonte do Outro mau. Portanto, com a questão do Outro mau nos encontramos em um ponto absolutamente "original" do sujeito. A maldade não é uma vicissitude entre outras do significante, mas uma de suas grandes vicissitudes.

Abro agora a discussão do primeiro caso, o de Jean-Daniel Matet: "Eu era o homem de um pai". J. D. Matet não quis se esforçar muito em buscar um nome para esse caso. Se vocês concordam, o chamarei de "o caso Rodolphe", cujo parceiro é essencialmente o analista. Descobrimos, pouco a pouco, que J. D. Matet é seu parceiro e que, por esse motivo, muitas coisas boas sucedem a essa vítima da maldade. Para o caso de Miquel Bassols, o parceiro destacado é o corpo do sujeito, não porque o corpo seja francamente malvado, mas porque no corpo se localiza a eventual maldade do Outro. E, nos últimos dois casos dessa manhã, apresentados por Carole Dewambrechies-La Sagna, o marido é a um só tempo o parceiro e o Outro mau. Pierre Stréliski vai nos recordar os dados do caso Rodolphe.

Tradução: Ondina Machado

---

<sup>1</sup> MILLER, J.-A. (2011). "Apertura". In: *Cuando el Outro es malo...*. Buenos Aires: Paidós, p.73-77.

N.T.: para esta tradução, recorreremos também à versão original, em francês, em *L'Autre méchant. Six cas cliniques commentés*, textos reunidos por Carole Dewambrechies-La Sagna e Jean Pierre Deffieux, La Bibliothèque Lacanienne, J.-A. Miller (direção) e Christiane Alberti (edição), Paris, Navarin, 2010, p. 67-72.

<sup>2</sup> Cf. em particular SCHMITT, C. (1984). *El concepto de lo político. Teoría del partisan. Notas complementarias al concepto de lo "político"*. Buenos Aires: Folios, p. 99-108.

<sup>3</sup> CERCLE UFORCA: Centro de Estudos e Investigações Clínicas da União para a Formação Permanente em Clínica Analítica.

---

<sup>4</sup> Cf. em particular LACAN, J. (1998/1949). "O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 96-103.

<sup>5</sup> IDEM. (1998/1864). "Posição do inconsciente". In: *Escritos*. Op. cit., p. 849.

<sup>6</sup> IDEM. (1979/1964). *O Seminário*, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 203.